



O MESSIAS DE DUNA

Frank Herbert

TRADUÇÃO DE JORGE LUIZ CALIFE

Sobre o Autor e a Obra:

A possibilidade de alterar o futuro é a dúvida e a esperança de Paul Atreides. Para Frank Herbert essa possibilidade existe, negando assim a concepção tradicional do tempo como uma dimensão irreversível. Frank Herbert nasceu em Tacoma, EUA. Foi fotógrafo, câmera-man de tevê, pescador de ostras e jornalista. A série Duna vem sendo publicada desde 1965 e já passou da marca de dez milhões de exemplares vendidos. Herbert, que faleceu em 1984, foi agraciado com os maiores prêmios destinados a livros de ficção científica – Nebula e Hugo – e Duna foi transformado em filme, dirigido por David Lynch e recentemente em mini-série de tevê.

Sobre a Digitalização desta Obra:

Se os livros tivessem preços acessíveis, todos poderíamos comprá-los. A digitalização desta obra é um protesto contra a exclusão cultural e, por conseqüência, social, causadas pelos preços abusivos dos livros editados e publicados no Brasil. Assim, é totalmente condenável a venda deste e-livro em qualquer circunstância.

Distribua-o livremente.

“Para os que tem humildade, coragem e capacidade para assumir e corrigir os próprios erros”

Resumo da Entrevista com Bronso de IX, na Cela da Morte

P: O que o levou à sua abordagem particular da história do Muad'Dib?

R: Por que deveria responder às suas perguntas?

P: Porque eu preservarei suas palavras.

R: Ah, o oferecimento final a um historiador!

P: Vai cooperar, então?

R: Por que não? Mas você nunca vai entender o que inspirou minha Análise da História. Nunca. Vocês, sacerdotes, têm muito em jogo para que...

P: Faça uma tentativa.

R: Uma tentativa. Está bem... por que não? Minha atenção foi despertada pela superficialidade com que é visto este planeta devido ao seu nome popular: Duna. Não Arrakis, repare bem, mas Duna. A história é obcecada por Duna como um deserto, o berço dos Fremen. Tal história concentra-se nos costumes derivados da escassez de água e no fato de que os Fremen levavam vidas seminômades, em trajes destiladores que recuperavam a maior parte da umidade produzida por seus corpos.

P: E isso não é verdadeiro?

R: São verdades superficiais, que ignoram o que se encontra abaixo da superfície. E como... como tentar entender meu planeta natal, IX, sem observar que seu nome derivou do fato de ser o nono planeta de seu sistema solar. Não... não é o bastante ver Duna como um local de tempestades violentas. Não é suficiente falar a respeito da ameaça representada pelos gigantesco vermes da areia.

P: Mas essas coisas são cruciais à personalidade de Arrakis!

R: Cruciais? É claro. Mas conduzem a uma visão restrita, um único ponto de vista planetário, do mesmo modo como Duna é um planeta de colheita única. A única e exclusiva fonte da especiaria, da melange.

P: Sim, deixe-nos ouvi-lo discorrer sobre a sagrada especiaria.

R: Sagrada! Como todas as coisas sagradas, ela dá com uma das mãos e tira com a outra. Ela prolonga a vida e permite ao iniciado vislumbrar seu futuro. Mas ela o prende a um vício cruel e lhe marca os olhos como os seus são marcados: azul total, sem nenhum branco. Seus olhos, seus órgãos de *visão*, tornam-se uma coisa desprovida de contraste, de aparência igual.

P: Semelhante heresia o trouxe a esta cela!

R: Fui trazido a esta cela por seus sacerdotes. Como todos os sacerdotes, vocês aprenderam cedo a rotular a verdade como heresia.

P: Você se encontra aqui porque se atreveu a dizer que Paul Atreides perdeu algo de essencial para sua humanidade antes que se tornasse o Muad'Dib.

R: Sem falar que ele perdeu o pai aqui, na guerra dos Harkonnen. Nem da morte de Duncan Idaho, que se sacrificou para que Paul e *Lady* Jessica pudessem escapar.

P: Seu sarcasmo é evidente.

R: Sarcasmo! Isso, sem dúvida, é crime maior do que heresia. Mas veja bem, não sou realmente uma pessoa sarcástica. Sou apenas um observador e comentarista. Vi verdadeira nobreza em Paul quando ele fugiu para o deserto com sua mãe grávida. É claro que ela era de grande ajuda, mas não deixava de ser um estorvo.

P: O problema de vocês, historiadores, é que nunca estão satisfeitos. Podem ver a verdadeira nobreza no Sagrado Muad'Dib, mas não deixam de acrescentar uma observação sarcástica. Não é de admirar que as Bene Gesserit também o tenham denunciado.

R: Vocês, sacerdotes, fazem bem em se aliar à Irmandade Bene Gesserit. Elas também sobrevivem por ocultarem o que realmente fazem. Mas não são capazes de esconder o fato de que *Lady Jessica* era uma Bene Gesserit treinada. Vocês sabem que ela treinou o filho nas artes das Bene Gesserit. Meu *crime* foi discutir isso como fenômeno, comentar sobre suas artes mentais e seu programa genético. Vocês não querem que se chame atenção para o fato de que o Muad'Dib era a esperança da Irmandade quanto a um messias cativo. Que era seu kwisatz haderach, antes de ser seu profeta.

P: Se eu tinha alguma dúvida quanto à sua sentença de morte, você acaba de dissipá-la.

R: Só posso morrer uma vez.

P: Há muitos modos de morrer.

R: Tenham cuidado para não me transformarem num mártir. Não creio que o Muad'Dib... Diga-me, o Muad'Dib sabe o que vocês fazem nestas masmorras?

P: Não incomodamos a Sagrada Família com tais trivialidades.

R: (Risada) E foi para isso que Paul Atreides lutou até conquistar um lugar entre os Fremen! Foi para isso que ele aprendeu a cavalgar e controlar um verme da areia! Foi um erro responder às suas perguntas.

P: Mas mantereí minha promessa de preservar suas palavras.

R: Você será mesmo capaz? Então ouça-me, atentamente, seu Fremen degenerado, seu sacerdote sem outro deus que não você mesmo! Vocês têm muito pelo que responder. Foi um ritual Fremen que deu a Paul sua primeira dose maciça de melange, despertando-o assim para as visões de seu futuro. E foi num ritual Fremen que a mesma melange despertou a consciência de Alia, ainda no ventre de Jessica. Já considerou o que significou para Alia ter sido trazida a esse universo inteiramente consciente, possuidora de todas as memórias e todo o conhecimento de sua mãe? Um estupro não seria mais aterrorizante.

P: Sem a sagrada melange, o Muad'Dib não se teria tornado líder de todos os Fremen. Sem sua sagrada experiência, Alia não seria Alia.

R: E sem a sua cega crueldade Fremen, você não seria um sacerdote. Ah, conheço vocês, Fremen. Pensam que o Muad'Dib lhes pertence porque teve um filho com Chani, porque adotou os costumes dos Fremen. Mas ele era um Atreides desde o início, e foi treinado como adepto das Bene Gesserit. Dominava disciplinas inteiramente desconhecidas por vocês. Pensam que ele lhes trouxe uma nova organização e uma nova missão. Ele prometeu que transformaria seu planeta deserto num paraíso cheio de água. E, enquanto os deslumbrava com tais visões, tirava-lhes a virgindade!

P: Semelhante heresia não muda o fato de que a Transformação Ecológica de Duna prossegue no ritmo previsto.

R: E cometi a heresia de localizar as raízes dessa transformação e de examinar suas conseqüências. Aquela batalha lá nas planícies de Arrakeen pode ter ensinado ao Universo que os Fremen poderiam derrotar os Sardaukar imperiais, mas o que mais ela ensinou? Quando o império estelar da Família Corrino se tornou um império Fremen, sob o governo do Muad'Dib, em que mais o império se tornou? Seu Jihad levou apenas doze anos, mas que lição nos ensinou. Agora, o Império compreende a fraude que foi o casamento do Muad'Dib com a Princesa Irulan!

P: Você se atreve a acusar o Muad'Dib de fraude!

R: Embora vá me matar por isso, não é uma heresia. A Princesa tornou-se sua consorte, não sua mulher. Chani, sua pequena favorita Fremen – ela é a mulher. Todos sabem disso. Irulan era uma chave para o trono, e nada mais.

P: É fácil perceber por que os que conspiram contra o Muad'Dib usam sua Análise Histórica como argumento de zombarias!

R: Não vou convencê-lo, sei muito bem disso. Mas os argumentos da conspiração surgiram

muito antes de minha Análise. Doze anos de Jihad do Muad'Dib criaram os argumentos. Foi isso que uniu os grupos de poder ancestral, iniciando a conspiração contra o Muad'Dib.

Tamanha riqueza de mitos envolve Paul Muad'Dib, o Imperador Mentat, e sua irmã, Alia, que é difícil enxergar as pessoas reais por trás desses véus. Mas existiu, apesar de tudo, um homem, nascido Paul Atreides, e uma mulher, nascida Alia. A carne deles estava sujeita ao espaço e ao tempo. E, embora seus poderes oraculares os colocassem além dos limites normais de tempo e espaço, eram membros da raça humana. Vivenciavam acontecimentos reais, que deixavam traços reais sobre o universo real. Para entendê-los, devemos compreender que sua catástrofe foi a catástrofe de toda a humanidade. Este trabalho é dedicado, então, não ao Muad'Dib ou à sua irmã, mas aos seus herdeiros... todos nós.

– Dedicatória na Concordância do Muad'Dib, tal como transcrita da Tabla Memorium do Culto Espiritual de Mahdi

O reinado imperial do Muad'Dib gerou mais historiadores do que qualquer outra era da história humana. A maioria deles defendia pontos de vista particulares, invejosos e sectários, mas isso revela algo a respeito do impacto peculiar produzido por um homem que despertou tamanhas paixões em mundos tão diversos.

É claro que ele continha os ingredientes históricos, ideais e idealizados. Esse homem, nascido Paul Atreides, de uma antiga Grande Família, recebeu profundo treinamento *prana-hindu* de Lady Jessica, sua mãe, uma Bene Gesserit, e possuía, portanto, soberbo controle sobre músculos e nervos. Mais do que isso, porém, era um *mentat*, um intelecto cujas capacidades ultrapassavam as dos computadores mecânicos, religiosamente proscritos, usados pelos antigos.

E, acima de tudo mais, o Muad'Dib era o *kwisatz haderach* que o programa de procriação da Irmandade buscara através de milhares de gerações.

O kwisatz haderach, aquele que poderia estar em “muitos lugares ao mesmo tempo”, o profeta, o homem através do qual as Bene Gesserit esperavam controlar o destino da humanidade. Esse homem tornou-se o Imperador Muad'Dib e realizou um casamento de conveniência com a filha do Imperador Padishah, a quem derrotara.

Pensem no paradoxo, na falha implícita nesse momento, pois vocês certamente já leram outras histórias e conhecem superficialmente os fatos. Os Fremens selvagens do Muad'Dib realmente dominaram o Padishah Shaddam IV. Eles derrubaram as legiões de Sardaukar, as forças aliadas das Grandes Casas, os exércitos Harkonnen e os mercenários trazidos com dinheiro do Landsraad. Ele colocou a Corporação Espacial de Joelhos e sua própria irmã, Alia, no trono religioso que as Bene Gesserit julgaram seu.

Fez todas essas coisas e mais ainda.

Os missionários Qizarate do Muad'Dib transportaram sua guerra religiosa através do espaço, num Jihad, cujo maior ímpeto durou apenas doze anos-padrão. Mas, nesse tempo, o colonialismo religioso colocou todo o universo humano sob seu domínio, com a exceção de uma pequena fração.

Ele pôde realizar isso porque a captura de Arrakis, planeta conhecido mais frequentemente como Duna, lhe deu o monopólio da derradeira moeda do reino: a especiaria geriátrica melange, o veneno que produz a vida.

Tínhamos, então, outro ingrediente ideal para história: um material cuja química psíquica desvendava o Tempo. Sem a melange, a Irmandade das Reverendas Madres não poderia realizar seus feitos de observação e controle humano. Sem a melange, os Timoneiros da Corporação não poderiam navegar através do espaço. Sem a melange, bilhões e bilhões de cidadãos imperiais morreriam pela privação do vício.

Sem melange, Paul Muad'Dib não poderia profetizar.

Sabemos que esse momento de supremo poder continha em si o fracasso. E só pode haver uma resposta: a predição total e completamente precisa é letal.

Outros historiadores dizem que o Muad'Dib foi derrotado pelos conspiradores mais óbvios: a

Corporação, a Irmandade e os amoralistas científicos Bene Tleilex, com seus disfarces de Dançarino Facial. Outras histórias apontam para os espíões no lar do Muad'Dib. Eles dão muita importância ao Tarô de Duna, que confundiu os poderes proféticos do Muad'Dib. Alguns mostram como o Muad'Dib foi levado a aceitar os serviços de um *ghola*, a carne trazida de volta da morte e treinada para destruí-lo. Mas, certamente, devem estar cientes de que esse gholá era Duncan Idaho, o tenente dos Atreides, que perecera ao salvar a vida do jovem Paul.

E, no entanto, delineiam a cabala Qizarate guiada por Korba, o Panegirista. Levam-nos a seguir passo a passo o plano de Korba, para transformar o Muad'Dib em mártir e colocar a culpa em Chani, a concubina Fremen.

Como se pode, com isso, explicar os fatos tal como a história os revelou? Não se pode. Somente pela natureza letal da profecia é que podemos entender o fracasso de um poder tão grande e dotado de visão tão ampla.

Nossa esperança é que outros historiadores aprendam alguma coisa a partir desta revelação.

– Análise Histórica: Muad'Dib ' por Bronso de Ix

Não existe separação entre deuses e homens; uns se fundem suave e casualmente nos outros.

– Provérbios do Muad'Dib

A despeito da natureza homicida da trama que esperava elaborar, os pensamentos de Scytale, o Dançarino Facial Tleilaxu, retornavam sempre à sua amarga compaixão.

“Devo lamentar-me por causar morte e sofrimento ao Muad'Dib”, dizia a si mesmo.

Mantinha essa bondade cuidadosamente escondida de seus companheiros de conspiração. Entretanto, tais sentimentos lhe revelavam que achava mais fácil identificar-se com a vítima do que com o atacante – algo característico dos Tleilaxu.

Scytale permanecia em perturbado silêncio, afastado dos outros.

A discussão a respeito do veneno psíquico já durava algum tempo. Era enérgica e veemente, mas educada, naquele modo cegamente compulsivo que os adeptos das Grandes Escolas sempre adotam diante de questões muito próximas de seus dogmas.

– Quando acharem que o têm preso, aí então vão descobri-la totalmente livre.

Quem falava era a velha Reverenda Madre das Bene Gesserit, Gaius Helen Mohiam, sua hospedeira em Wallach IX. Era uma figura magricela, envolta em mantos negros. Uma velha bruxa sentada num assento flutuador à esquerda de Scytale. Seu capuz aba fora jogado para trás, revelando uma face coriácea sob cabelos prateados. Olhos profundos olhavam do fundo de bolsões nas feições de caveira.

Eles estavam usando a linguagem *mirabhasa*, uma falange de consoantes e vogais unidas. Tratava-se de um instrumento para transmitir delicadas sutilezas emocionais. Edric, o Timoneiro da Corporação, respondeu à Reverenda Madre com uma mesura vocal contida num sarcasmo. Um adorável toque de polidez desdenhosa.

Scytale olhou para o enviado da Corporação. Edric nadava num recipiente de gás alaranjado a apenas alguns passos de distância. Seu receptáculo fora colocado no centro de uma cúpula transparente que as Bene Gesserit haviam construído para esse encontro. O homem da Corporação era uma figura alongada, vagamente humanóide, com pés em forma de nadadeiras e mãos membranosas, amplamente espalmadas. Um peixe num mar estranho. Os ventiladores de seu tanque emitiam uma pálida nuvem alaranjada, rica com o perfume da especiaria geriátrica melange.

– Se prosseguirmos nesse curso, morreremos de estupidez – disse a quarta pessoa presente, um membro *em potencial* da conspiração – a Princesa Irulan, esposa (“mas não mulher”, lembrou-se Scytale) de seu inimigo mútuo. Ela colocara-se ao lado do tanque de Edric, alta, bela e loura, esplêndida num roupão de pele de baleia azul com um chapéu equivalente. Botões dourados cintilavam em suas orelhas. Movia-se com uma altivez aristocrática, mas alguma coisa na suavidade meditativa de suas feições revelava os controles de sua formação como Bene Gesserit.

A mente de Scytale voltou-se das nuances de linguagem e de rostos para as nuances de localização. Em todas as direções ao redor da cúpula, viam-se colinas marcadas pela neve em fusão, que refletiam a cor úmida e mosqueada do pequeno sol azul-claro suspenso no meridiano.

“Por que este lugar em particular?”, Scytale perguntava a si mesmo. As Bene Gesserit raramente faziam alguma coisa sem motivo. Tome-se como exemplo a planta aberta dessa cúpula: um lugar mais convencional e confinado teria afligido o homem da Corporação com um nervosismo claustrofóbico. As inibições em sua psique eram as do nascimento e da vida fora dos planetas, no espaço aberto.

Ter construído esse lugar especialmente para Edric, entretanto, era um dedo incisivo apontado para suas fraquezas.

“E o que aponta para mim aqui?”, perguntou Scytale com os [seus botões].

– Não tem nada a dizer por si mesmo, Scytale? – insistiu a Reverenda Madre.

– Quer me atrair para essa disputa de tolos? – indagou Scytale. – Muito bem. Estamos lidando com um messias em potencial. Não se lança um ataque frontal a uma pessoa assim. Torná-la um mártir seria nossa derrota.

Todos o olharam: – Você acha que esse é o único perigo? – disse a Reverenda Madre, com sua voz asmática.

Scytale encolheu os ombros. Havia escolhido uma aparência branda, de rosto redondo, para esse encontro. Feições joviais e lábios grossos e insípidos, o corpo de um gorducho inchado. Ocorria-lhe agora, enquanto estudava os outros conspiradores, ter feito uma escolha ideal, produto do instinto, talvez. Nesse grupo, somente ele poderia manipular sua aparência corpórea através de um vasto espectro de feições e formas corporais. Era um camaleão humano, um Dançarino Facial, e a forma que usava no momento fazia com que os outros o subestimassem.

– Bem? – insistiu a Reverenda Madre.

– Estava desfrutando do silêncio – respondeu Scytale. – Nossas hostilidades não devem ser explicitadas.

A Reverenda Madre recuou e Scytale percebeu que ela o estava reavaliando. Elas eram todas produtos de um profundo treinamento prana-bindu, capazes de um controle sobre nervos e músculos que poucos humanos jamais haviam atingido. Mas Scytale, Dançarino Facial, possuía músculos e ligações nervosas das quais os outros não eram dotados, mais o dom especial que lhe permitia assumir a psique de outra pessoa, assim como sua aparência.

Scytale deu-lhe tempo para completar sua reavaliação e disse: – Veneno!

Pronunciou a palavra com sílabas atonais que revelavam que somente ele compreendia seu significado oculto.

O homem da Corporação agitou-se e sua voz se propagou a partir do brilhante globo do alto-falante, que orbitava um canto de seu tanque, acima de Irulan.

– Estávamos discutindo veneno *psíquico*, não físico.

Scytale riu. Uma gargalhada mirabhasa podia esfolar um oponente e ele não tinha nada a contê-lo agora.

Irulan sorriu em apreciação, mas os cantos dos olhos da Reverenda Madre revelaram um débil indício do seu ódio.

– Pare com isso! – protestou Mohiam.

Scytale parou, mas agora tinha a atenção de todos. Edric numa raiva silenciosa, a Reverenda Madre alerta em seu ódio, Irulan divertindo-se, mas intrigada.

– Nosso amigo Edric está sugerindo – disse Scytale – que um par de bruxas Bene Gesserit, treinadas em todos os modos sutis, não aprenderam a verdadeira utilidade da fraude.

Mohiam voltou-se para fitar as colinas geladas do mundo das Bene Gesserit. Ela estava começando a perceber o ponto vital no caso, notou Scytale. Isso era bom. Irulan já era outra questão.

– Você é um dos nossos ou não é, Scytale? – indagou Edric, fitando com seus minúsculos olhos de roedor.

– Minha lealdade não se encontra em discussão – respondeu Scytale. Mantinha sua atenção sobre Irulan. – Está perguntando a si mesma, Princesa, se foi para isso que atravessou todos aqueles parsecs, arriscando tanto?

Ela acenou afirmativamente.

– Para trocar amenidades com um peixe humanóide ou discutir com um gordo Dançarino Facial Tleilaxu? – continuou Scytale.

Ela se afastou do tanque de Edric, sacudindo a cabeça, aborrecida com o forte odor de

melange.

Edric aproveitou o momento para colocar na boca uma pílula de melange. Ele comia, respirava e, sem dúvida alguma, também bebia especiaria, notou Scytale. Compreensivelmente, uma vez que esta aumentava os poderes prescientes de um Timoneiro, fornecendo-lhe a capacidade para guiar um heighliner da Corporação através do espaço em velocidade transluz. Com a ampliação da consciência fornecida pela especiaria, ele poderia encontrar a linha do futuro da nave que evitaria o perigo. Edric farejava outro tipo de perigo agora, mas seu apoio presciente poderia não ajudá-lo.

– Creio que foi um erro para mim ter vindo até aqui – disse Irulan.

A Reverenda Madre voltou-se, abriu e fechou os olhos, num estranho gesto de réptil.

Scytale desviou seu olhar de Irulan para o tanque, convidando a Princesa a partilhar de seu ponto de vista. Ela devia, Scytale bem o sabia, ver em Edric uma figura repelente: o olhar atrevido, aqueles pés e mãos monstruosos movendo-se suavemente no gás, o fumegante rodopiar dos torvelinhos alaranjados ao seu redor.

Ela devia estar imaginando quais seriam os hábitos sexuais dele, pensando em quão estranho seria unir-se sexualmente a tal criatura. Até mesmo o gerador de campo de força, que recriava para Edric a ausência de peso do espaço, o separava dela agora.

– Princesa – disse Scytale –, por causa da presença de Edric aqui, a visão oracular de seu esposo não poderia tropeçar em certos incidentes, incluindo este... presumivelmente.

– Presumivelmente – disse Irulan.

Olhos fechados, a Reverenda Madre acenou com a cabeça.

– O fenômeno da presciência é muito mal entendida, até mesmo pelos iniciados – disse ela.

– Sou um completo Navegador da Corporação e possuo o Poder – afirmou Edric.

Novamente, a Reverenda Madre abriu os olhos. Dessa vez, fitou o Dançarino Facial, os olhos sondando com aquela intensidade peculiar das Bene Gesserit. Avaliava as minúcias.

– Não, Reverenda Madre – murmurou Scytale. – Não sou tão simples quanto aparento.

– Não compreendemos esse poder da segunda visão – comentou Irulan. – Há um ponto: Edric diz que meu esposo não pode ver, conhecer ou prever o que acontece dentro da esfera de influência de um Navegador. Mas até onde se estende essa influência?

– Existem pessoas e coisas, em nosso universo, as quais percebo apenas por seus efeitos – explicou Edric, a boca de peixe comprimida em uma linha. – Sei que estiveram aqui... ali...

em algum lugar. Como as criaturas aquáticas agitam as correntezas ao passarem, assim também a presciência agita o Tempo.

Já vi por onde seu marido esteve; nunca pude vê-lo, nem as pessoas que realmente compartilham sua lealdade e seus objetivos.

Essa é a cobertura que um líder dá àqueles que o seguem.

– Irulan não o segue – disse Scytale, olhando de lado para a Princesa.

– Todos sabemos por que esta conspiração deve ser conduzida somente em minha presença – disse Edric.

Usando o tom de voz com que descreveria uma máquina, Irulan disse: – Você tem seus costumes, ao que parece.

“Ela agora o vê tal como ele é”, pensou Scytale. “Bom!”

– O futuro é algo a ser moldado – disse Scytale. – Não se esqueça disso, Princesa.

Irulan olhou para o Dançarino Facial.

– Pessoas que compartilham os objetivos e a lealdade do Muad'Dib – comentou ela. – Certamente, os legionários Fremen usam seu manto. Já o vi profetizar para eles, ouvi seus gritos de adulação ao seu Mahdi, seu Muad'Dib.

“Acabou de ocorrer a ela”, pensou Scytale, “que se encontra em julgamento aqui, que ainda resta a ser tomada uma decisão que pode preservá-la ou destruí-la. Ela pode ver a armadilha que lhe preparamos.”

Momentaneamente, o olhar de Scytale uniu-se ao da Reverenda Madre e ele experimentou a estranha compreensão de que haviam compartilhado esse pensamento a respeito de Irulan. A Bene Gesserit, é claro, teria instruído sua Princesa, preparando-a com a *mentira sagaç*. Mas sempre chegava o momento em que uma Bene Gesserit devia confiar em seu próprio treinamento e em seus instintos.

– Princesa, sei o que mais deseja do Imperador – disse Edric.

– E quem é que não sabe? – indagou Irulan.

– Deseja ser a mãe fundadora da dinastia real – continuou Edric, como se não a tivesse ouvido. – A menos que se una a nós, isso nunca acontecerá. Aceite minha palavra oracular a esse respeito. O Imperador a desposou por motivos políticos, mas nunca compartilhará seu leito.

– Assim, o oráculo é também um *voyeur* – zombou Irulan.

– O Imperador está mais firmemente ligado à sua concubina Fremen do que a você! – retrucou Edric.

– E ela não lhe dará um herdeiro – disse Irulan.

– A razão é a primeira vítima de uma emoção forte – murmurou Scytale. Sentiu a liberação do ódio de Irulan, percebeu seu conselho fazendo efeito.

– Ela não lhe dá um herdeiro – continuou Irulan, a voz revelando agora uma calma controlada – porque lhe estou ministrando secretamente um anticoncepcional. Esse é o tipo de confissão que desejava ouvir de mim?

– Não é uma coisa que o Imperador deva descobrir – respondeu Edric, sorrindo.

– Tenho mentiras prontas para ele – explicou Irulan. – Ele pode ter um senso para a verdade, mas há mentiras que são mais fáceis de aceitar do que a verdade.

– Deve fazer sua escolha, Princesa – disse Scytale. – Mas entendendo o que a protege.

– Paul é justo comigo – disse ela. – Tenho assento em seu Conselho.

– Nos doze anos em que foi sua Princesa Consorte – indagou Edric – alguma vez ele demonstrou o mais ligeiro calor humano para com você?

Irulan sacudiu a cabeça.

– Ele depôs seu pai com sua infame horda de Fremen, desposou-a para estabelecer seu direito ao trono, e no entanto jamais coroou sua Imperatriz – disse Edric.

– Edric tenta abalá-la com a emoção, Princesa – explicou Scytale. – Não é interessante?

Ela olhou rapidamente para o Dançarino Facial, vendo o sorriso de atrevimento em suas feições e respondendo com um erguer das sobrancelhas. Encontrava-se inteiramente consciente agora, percebia Scytale, de que, se deixasse essa conferência sob a influência de Edric, o que constituía uma parte da trama, esses momentos estariam ocultos da visão oracular de Paul. Se recusasse o comprometimento, entretanto...

– Não lhe parece, Princesa – perguntou Scytale –, que Edric possui demasiada influência em nossa conspiração?

– Eu já concordei – disse Edric – em me submeter à melhor decisão que surgir em nossos conselhos.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

